

DES-SITUAÇÃO

Podemos dizer que a produção recente de instalações e a condição cada vez mais alastrada do que podemos nomear cultura informacional geraram uma nova percepção do espaço/tempo, *requerendo uma problematização da noção de site-specific* herdada do Minimalismo¹. Tal como entendida nos anos setenta, talvez não seja mais suficiente para dar conta de muitas obras atuais, das novas perspectivas abertas pelo ciberespaço e das obras de instalação e/ou relacionadas às novas tecnologias.

Nossa noção de espaço hoje é constituída por ubíquos e mutáveis lugares ou sítios virtuais nada específicos, multidirecionais, nômades e fluidos, localizados em todas as regiões do mundo e conectados pelo fluxo informacional do ciberespaço, conectados pela rede, a qual também inclui dispositivos móveis conectados a indivíduos e a todo tipo de aparelho eletrônico. Como diz Virílio”(1984, pág.11) :

”[...] este confinamento brusco faz com que tudo, absolutamente tudo, retorne a este “lugar” a esta localização sem localização [...] o esgotamento do relevo natural e das distâncias do tempo achata toda localização e posição. Assim como os acontecimentos retransmitidos ao vivo, os locais tornam-se intercambiáveis à vontade”.

Ou como bem aponta Giselle Beiguelman in *Admirável mundo cibrado*²:

¹ Categoria da escultura contemporânea surgida nos anos 70 do século XX ilustrada com excelência pelo trabalho de Richard Serra. O questionamento a esta noção tem sido levantado em vários textos, sendo bastante conhecidos aqueles divulgados no livro *Space, site, intervention, situating installation art*, organizado por Érika Suderburg, em 2000 e publicado pela University of Minnesota Press. Nacionalmente algo pode ser visto in Rubens Mano, *A condição do lugar no site*, in Revista *Ars* 7, <http://www.cap.eca.usp.br/ars7/mano.pdf>, Raquel Garbellotti in Número 9 (<http://64.233.169.104/search?q=cache:CX7HzlW9kRAJ:forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/rede/numero/numero-nove/NOVE.pdf+raquel+garbellotti+numero+site+specific&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2>) e Ana Maria Tavares in *Armadilhas para os Sentidos: Uma Experiência no Espaço-Tempo da Arte*, tese de doutorado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000.

² <http://www.pucsp.br/~gb/texts/cibridismo.pdf>, pág. 2.

“Talvez a metáfora do site (sítio) para designar a situação de não-localidade que estrutura o *cyberspace* esteja na raiz desses mecanismos metafóricos, que não são inconvenientes por serem errôneos, mas por mascararem **a situação inédita de uma espacialidade independente da noção de lugar**”³.

Experimentamos não mais apenas o espaço físico da cidade ou da metrópole, mas também novos espaços e vivências oriundas do ciberespaço, onde navegamos por entre os - não à toa - também denominados *sites*. Faz-se necessário investigar de forma aprofundada as categorias do ciberespaço e da instalação contemporânea, renovada pelos médias .

Cidade e perda do espaço público

Lembramos Henry Mensonge in ” Em direção a ‘*Time Specific Art*’⁴ , quando afirma que a cidade perdeu seu domínio público ; os cidadãos, tornados consumidores, tem suas informações individuais -captadas e observadas por câmaras e traços digitais- arquivadas em bancos de dados. Diz ele:

” Seus antecedentes serão facilmente checados através de sistemas de monitoramento de comportamento em rede. Enormes sistemas de escutas e tecnologias de radar estarão vasculhando a *net*, procurando por padrões de comunicação ‘subversivos’. Informações altamente pessoais estão à disposição de partidos terceiros que nem sabemos que existem. Imagine tudo isso, e novamente pergunte o que arte no espaço público pode ainda implicar. [...] . Talvez não devesse nem mesmo ser uma intervenção material em local específico [...] . Em vez de discutir as questões de espaço e matéria, talvez esta arte devesse ser sobre tempo e ação.[...] . Arte no espaço público é então arte no tempo público.”

Constatamos que muitas obras apontam para um **deslocamento** do lugar ou mesmo uma **des-situação** do lugar; de toda forma uma problematização do lugar. Afinal, mais do que nos colocar (instaurando uma intensidade do lugar) boa parte das obras atuais nos

³ Negrito da autora deste artigo.

⁴ Henry Mensonge (trad. Jose Roberto Shwafaty), ” Em direção a ‘*Time Specific Art*’” 2008. Revista VOLUME, n.7, Architecture of Power 3. Revista Quadrimestral (2006).Volume é um projeto de Archis+AMO+C-Lab. <http://www.archis.org/>

tira do lugar. Fica a questão: como tratar da atopia instaurada pelo ciberespaço e o *situs* determinado do *site specific*? Lembremos ainda que o acesso ao *site* ou a obra instalativa digital ocorre no decorrer do instante através da velocidade, num presente instantâneo, também ubíquo, estabelecido pela lógica do *real time on-line*.

Algumas obras, porém, realizam um **deslocamento de sentido do lugar** através do rastreamento de conjunto de informações específicas as quais são deslocadas de seu contexto e re-apresentadas no mesmo espaço ou espaços próximos, singularizados através de uma lógica da interface. Esta nos re-apresenta o lugar através do que denominaria, por hora, uma **transitividade dos sentidos** e, certamente, de um rastreamento sensório⁵ de aspectos específicos do lugar, já que há um filtro que seleciona algumas informações e não outras para uma base de dados re-apresentada segundo parâmetros definidos pelo artista. Este lugar *transformado*, de fato realidade expandida, só existe na experiência, através do tempo ubíquo e situado das novas tecnologias, é instaurado como *evento*.

Se as obras relacionadas às mídias locativas relacionam-se a um ou mais *situs* determinados, por outro lado este(s) - conectados à rede, tornam-se *eventos* dessa e nessa rede. Tais lugares tornam-se lugares transformáveis, mutáveis e transformados pela matriz tempo, já que algo *acontece* naquele lugar.

Nas palavras de Ronaldo Brito sobre a obra de Richard Serra encontramos consideração pertinentes sobre o *site specific*⁶: "Inexiste a rigor, espaço: **só existem atos de espacialização e suas conseqüências concretas**"; estas revelam-se insuficientes para compreender a falta ou deslocamento de *situs* para onde muitas obras atuais nos lançam. Ronaldo Brito aponta com pertinência a superação de uma noção de espaço idealista

⁵ A partir de considerações de Christine Mello e apresentação de Rejane Cantoni no curso Cinemáticas, citado na nota 14.

⁶ Ronaldo Brito, in Richard Serra, catálogo de exposição realizada no Centro Cultural Hélio Oiticica em 1998, no texto Espaço em ato, pág. 27. Negrito da autora do artigo.

(onde este é compreendido como espaço ideal, homogêneo, onde as coisas seriam colocadas), mas como fenômeno. Sem dúvida tal concepção pode ser compreendida como passagem a momento ulterior, onde a força do *evento* passa a ser generalizada.

O lugar do tempo

Sabemos já que o espaço público desloca-se em grande parte da cidade para as vias informacionais. Desde 1988 Virílio⁷(1988, págs. 136 e contracapa) ressalta que: “*o espaço público cede lugar à imagem pública [...]faz-se necessário ater-se ao que a vigilância e iluminação deslocam das ruas e avenidas para este terminal de postagem a domicílio que suplanta aquele da Cidade[...]*” . Aponta ele uma era da *lógica paradoxal* da imagem de síntese ⁸: “[...], imagem paradoxal de uma presença em tempo real que suplanta, assim, o espaço real seja do sujeito seja do objeto”.



Entrecéu, Regina Silveira, Vinil adesivo, 900 m2 (aprox.), 2007

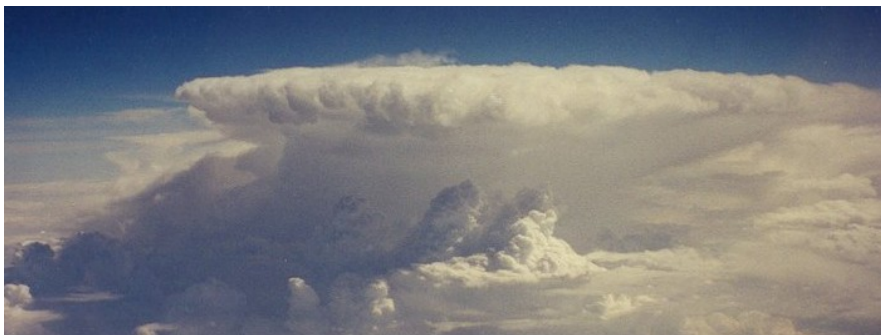
Foto Ding Musa (cortesia Galeria Brito Cimino)

⁷ Tradução da autora.

⁸ Acrescida das imagens videográfica e holográficas e infográficas ; ainda Paul Virilio in *La machine de la vision*, Paris, Éditions Galillée, 1988, resumo da contracapa. Tradução da autora do artigo.

Como melhor compreender o que faz a obra "Entrecéu", na mostra recente "Ficções" de Regina Silveira⁹, no Museu Vale do Rio Doce, em Vila Velha-ES, realizada em 2007, se esta ao invés de nos dar apenas a sensação intensificada do lugar, nos desloca deste, nos *des-situando* num espaço determinado? Sem dúvida podemos nos lembrar de imediato das estratégias ilusionistas maneiristas e mesmo barrocas, de céus que transpassam a arquitetura de igrejas e espaços fechados, como a capela Sistina em Roma. Mas aqui há algo que *no lugar, nos retira* do lugar. Estamos ali e estamos deslocados do mesmo lugar.

Algo que nos remete diretamente a uma cultura vivida e experimentada por sujeitos mergulhados nas percepções novas oriundas das novas tecnologias. Como não lembrar da frase de Fred Forest, *apud* Mario Costa (1995, pág. 9) para melhor compreender esta obra: "Os artistas da comunicação" [...] partilham o sentimento de uma nova unidade do espaço e do tempo que dilata o presente e cria uma sensação de perda do lugar"?



Certamente o clássico conceito do *site-specific* não dá conta de explicar a *Harpa de nuvens*¹⁰ de Nicolas Reeves que, ao instalar-se em determinado lugar (uma das cidades

⁹ http://diversao.uol.com.br/ultnot/2007/07/25/ficcoes_reginasilveira.jhtm,
http://diversao.uol.com.br/album/ficcoes_reginasilveira_album.jhtm

¹⁰ <http://www.cloudharp.org/>. A obra é instalada por determinados períodos em lugares distintos": Montreal, Pittsburgh, Nova Iorque. Em nova fase terá sua estrutura de captação também móvel.

que acolheram o projeto) afere - através de um sistema de captação e sensoriamento - dados ¹¹ sobre as nuvens locais (portanto, dados de um local específico e mutáveis na duração) transformando-os através de algoritmos genéticos, em sons e frases sonoras¹² captadas pela rede *World Wide Web* no mundo todo e transmitidas via velocidade constante das infovias através do instante intenso das novas tecnologias. Esta obra quando em funcionamento em sua primeira fase *está em um lugar que se alastra* e espraia para o mundo enquanto *trans-posição* por tele-presença, via interface multimídia de cada computador conectado à rede. A obra capta e tem sua *poiesis* situada nessa transposição e tensão entre o lugar específico da captação de seus dados iniciais e sua distribuição e espraio, no caso - amplo e indeterminado - oferecido pelo trânsito da rede e pelas novas tecnologias. A obra tem introjetada nela a lógica da rede e, como interface, o lançamento de seus dados em todos os sítios do mundo abertos à interação aberta pelo projeto. Compreendemos que muito específico ou determinado é o momento em que cada expectador atuante decide e mantém-se conectado à rede, atualizando a obra num presente cambiante pela renovada atualização de um tempo intenso¹³, intensificado pela obra. Portanto, **o instante é *situs*** através da linguagem, coincidindo com as palavras de Virílio (1998, pág.148): “ O deslocamento do centro de interesse da coisa à sua imagem e sobretudo do espaço ao tempo e ao instante”.O expectador está em cada ponto do mundo e, simultaneamente, trans-posto para o local e hora onde as nuvens estão situadas, unidos pela emergência do *evento*.

¹¹ A obra trata de muito do que Lev Manovich aponta sobre a captação de dados e a interface. Cria ainda um mundo artificial (Virilio) e daria enorme discussão sobre o anti-sublime ou sublime tecnológico, respectivamente a partir de Lev Manovich e Mario Costa.

¹² <http://www.cloudharp.org/ExtratsSones/Harpe-Pittsburgh-2.mp3>

¹³ Tempo intenso e extenso - idéias de Paul Virílio expostas in *La machine de la vision*, Paris, Éditions Galilée, 1988 e pontuadas recentemente por Christine Mello no curso *Cinémáticas*, realizado no segundo semestre de 2007, no CAP-Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Podemos dizer então que muitas obras de instalação nos proporcionam uma present-ação - ação no presente¹⁴, em tempo real, *situs* do evento. Convém lembrar Milton Santos ¹⁵(2006, págs. 143 e 144) :

” Um evento é “um instante do tempo e um ponto do espaço. Na verdade trata-se de um instante do tempo dando-se em um ponto do espaço...Um evento “é um ponto nesse espaço-tempo:, um dado instante em um dado lugar[...].Na teoria da relatividade da natureza, o conceito mais elementar é o de *ponto-evento*.”[...].Estes são ordenados combinando a ordenação temporal e espacial dos eventos da natureza em uma única ordem de quatro dimensões.

E, ainda:

”Os eventos são todos Presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração do tempo que eles qualificam. **Os eventos são simultaneamente a matriz do tempo e do espaço.** Em seu livro *A Philosophy of Future*, Ernst Bloch (1963, 1970, p. 124) escreve que “Time is only because something happens, and where something happens time is”. São os eventos que criam o tempo como portadores da ação presente (G. Schaltenbrand, 1973, p.39) . O autor sublinhou a palavra é, nós sublinharíamos , também, a palavra *onde*”.

Algo acontece que situa, ou situa acontecendo, deslocando-nos.

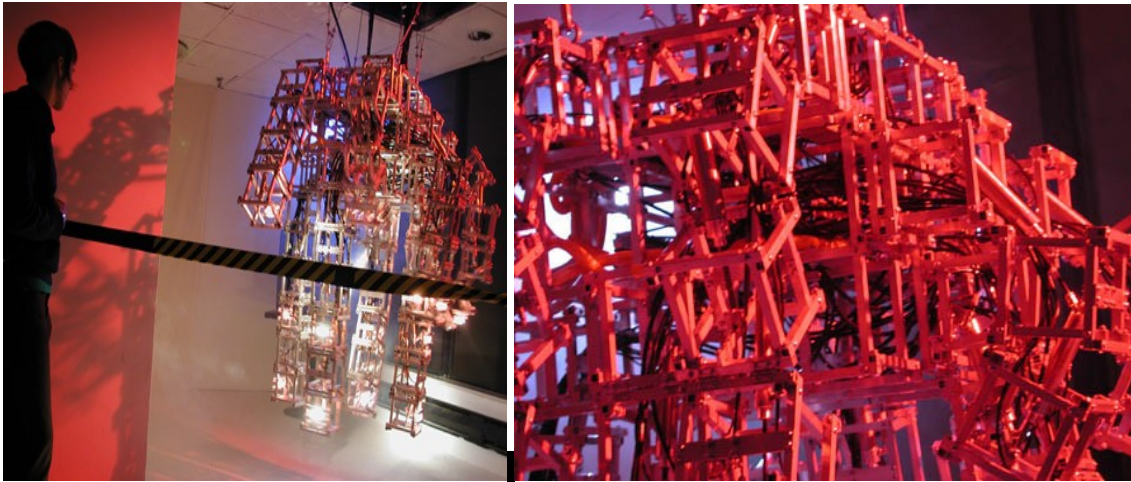
Afinal, estamos rodeados pelo que Virílio aponta como tempo intenso das imagens de síntese. Diz ele (VIRILIO: pág, 143): “Dissimulando o futuro na duração ultra-curta de um telemático direto, o *tempo intensivo* tomará o lugar então desse tempo extensivo .”

Esclarece ainda (VIRÍLIO:1988,págs.150 e151) :

“Eternidade intensiva , ou instantaneidade permitida pelas últimas tecnologias [...] . Centro do tempo, átomo temporal situado em cada instante presente, ponto de percepção infinitesimal donde a extensão e a duração se concebem diferentemente, esta *diferença relativista* reconstituindo uma nova geração do real , [...] onde a velocidade a transporta sobre o tempo , sobre o espaço, como a luz a transporta já sobre a matéria ou a energia sobre o inanimado [...]. Por um lado, tendo o futuro desaparecido na programação dos computadores, de outra, falsamente nesse tempo pretendido “real” que contém simultaneamente uma parte do presente e uma parte do futuro imediato.”

¹⁴ Paul Virilio fala em *presentação*.

¹⁵ O autor afirma referenciar-se em Eddington.



Bedlam no Subtle Technologies 2003

Bill Vorn & Simon Penny
Montreal (Québec) Canada, Irvine (California) EUA 2003

Produzida por:

Fundação Daniel Langlois para a Arte, Ciências e Tecnologia
Conselho de Artes do Canada
Hexagram, Instituto de Pesquisa/Criação em Artes Mediáticas e Tecnologia

A obra *Bedlam* artista canadense Bill Vorn ¹⁶ (e muitas outras) localizam-se claramente no entrecruzamento do tempo e espaço proporcionado pela rede e sistemas sensórios de captação, transformação e distribuição de dados. Diz o autor:” *Bedlam* existe simultaneamente em tres espaços : dois sitios físicos e um terceiro no campo virtual (uma rede computacional *IT*) ».

Como vemos - e o próprio texto de apresentação do projeto no Hexagram diz - temos um permanente troca e intercâmbio de posições, não situando-se a obra **em nenhum lugar corpóreo ou específico sítio**, mas claramente conectando sítios pelo intenso tempo e pelas máquinas de ver ou nos proporcionar experiências sensoriais do mundo a partir dos

¹⁶ http://www.hexagram.org/spip.php?page=project_file&lang=en&sid=2&id_rubrique=3&id_article=82
Vide descrição da obra e suas intenções .

dados captados, transformados e distribuídos pelas infovias de toda ordem ¹⁷ das novas tecnologias de e em nossos dias. Certamente tal obra nos *des-situa de um lugar específico* para nos colocar em uma confluência de lugares e sem lugar determinado, resultantes da comunicação entre sítios. Temos aí uma experiência de *trans-posição* no sentido maior que tal palavra nos oferece através do *evento*, matriz espaço tempo intensificada pelo presente intenso e intensificado por essas obras através das novas tecnologias. Como bem diz Louise Poissant (1977, pág. 83):

“Foi preciso conquistar progressivamente o tempo real em informática para que ele modificasse as modalidades temporais clássicas: o passado (o anterior), o presente (o simultâneo) e o futuro (o posterior), e para introduzir uma nova temporalidade : tempo ucrônico”.

BIBLIOGRAFIA:

COSTA, Mario. *O sublime tecnológico*. São Paulo, Editora Experimento, 1995.

POISSANT, Louise. *Estas imagens em busca de identidade*, in *A arte do século XXI, A humanização das tecnologias* (org. Diana Domingues) .São Paulo, Editora Unesp, 1977

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*, São Paulo, Edusp, 2006.

SUDERBURG, Érika.(org.).*Space, site, intervention, situating installation art*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2000

VIRILIO, Paul. *O Espaço crítico*, São Paulo, Editora 34, 1984

_____ *La machine de la vision*, Paris, Éditions Galilée, 1988

Autor:
Laurita Salles
R. Dr. Phidias de Barros Monteiro, 73
05404-030-São Paulo- SP Tel: 3085 5253 e 3812 9533.

¹⁷ World Wide Web e quaisquer sistemas ou micro-sistemas de circulação de informação digital.

RESUMO

O artigo discute as novas percepções do espaço/tempo e perspectivas abertas pelo ciberespaço. Pontua que instalações tridimensionais e aquelas relacionadas às novas tecnologias demandam comparação a ser melhor estudada entre a noção do *site-specific* com as categorias estéticas da sociedade da informação.. O artigo sustenta que tal conceito, tal como herdado do Minimalismo, não dá conta de muitas obras de arte atuais. Compreende que muitas obras contemporâneas mais deslocam do lugar do que situam o expectador (muitas vezes também interactor), configurando um *evento* em constante re-atualização pela matriz velocidade. O real *situs* dos trabalhos são o instante e o tempo. Este artigo discute três trabalhos de alguns artistas, Regina Silveira, Nicolas Reeves e Bill Vorn.

ABSTRACT

The article discusses the new perceptions of the space/time and perspectives opened by the cyberspace . The article point out that some tri-dimensional and new media installations demands comparison -to be better studied- of the notion of site-specific with the new esthetic categories of the information society. The article supports that this concept, as inherited from the Minimalism, is not in condition to understand many current works of art. The article understands that many contemporaries works dislocate the spectator from it's place (and many times *interactor*, too) configuring one *event* in permanent re-actualization by the speed matrix. The real *situs* of the works are the moment and the time. Three works of some artists -Regina Silveira, Nicolas Reeves and Bill Vorn - are discussed in this paper.

Fonte/tamanho: Times New Roman, 12.

Sugestões ampliadas:

título: 17 (com letras maiúsculas, em negrito);

subtítulo: 15 (com maiúsculas e minúsculas, em negrito);

intertítulos (com tabulações diferenciadas):

tópico: 15 (maiúsculas e minúsculas, em negrito);

subtópico: 13 (idem);

item/subitem: 12 (idem).

Espaçamento: simples.

Normalização das citações: NBR 10520/2002 da ABNT.

Normalização das referências bibliográficas: NBR 6023/2002 da ABNT.

Resolução de fotos: compatível com impressão em off-set.